

REVISTA DE

# ESTUDOS LITERÁRIOS

Coordenação: Ana Paula Arnaut e Ana Maria Binet | 2018 | 8

DO POST-MODERNISMO  
AO HIPERCONTEMPORÂNEO:  
OS CAMINHOS  
DAS LITERATURAS  
EM LÍNGUA  
PORTUGUESA

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

## INTRODUÇÃO

Da fragmentação do espaço e do tempo, própria do Modernismo do princípio do século XX, à fragmentação da imagem do mundo trazida pelas novas tecnologias, a literatura, e aqui, especificamente, a literatura em língua portuguesa, tem sofrido, através do nosso século e do precedente, uma enorme evolução, tanto quanto ao conteúdo como quanto à forma. Mais do que um Neo-Modernismo, ou um Post-Post-Modernismo, a noção de Hipercontemporâneo parece-nos corresponder a uma verdadeira mutação, que nos permite ter uma visão, fictícia, mas talvez mais real do que a verdadeira, do que será o Homem e o seu mundo nas décadas vindouras.

Fruto da globalização, das novas tecnologias, essa literatura que marca os nossos panoramas literários, seja no continente europeu, seja no americano ou no africano, é um reflexo de um mundo em profunda mudança, onde as mentes e os corpos se expõem ao domínio da ciência e da tecnologia, integrando-as no seu foro interno. Assim, a literatura hípercontemporânea põe em cena personagens híbridos, homens-máquina, máquinas antropomórficas, oferecendo-nos uma visão do futuro que nos atemoriza. A violência político-religiosa, que marca profundamente as nossas sociedades, especialmente desde o 11 de Setembro de 2001, percorre uma literatura onde o medo da morte, que tínhamos conseguido eufemizar, volta brutalmente, através da consciência de que esta se pode sobrepor às estruturas socioculturais, que tinham como objetivo mantê-la à distância, e se revelam impotentes perante a força do *tsunami* que nos assola, particularmente na Europa.

Os problemas relativos ao meio-ambiente transparecem igualmente na produção literária atual, que revela um enraizamento num real que se pode transformar, e não somente na literatura, num cenário de autêntico pesadelo.

Uma outra tendência parece caracterizar parte da produção atual que consideramos hipercontemporânea, isto é, a que foi escrita a partir do ano 2000: um intimismo que parece ser um voltar as costas a um mundo que é só dispersão e ausência de sentido. A busca de raízes, que a globalização tem tendência a tornar incertas; o mundo virtual que toma o lugar de uma realidade a que se prefere fugir; a comunicação em tempo real, que influencia o tempo do romance; a multiplicidade das vozes que criam uma narrativa na qual é possível escolher diversos caminhos, sem que o autor opte claramente por uma via, deixa por vezes o leitor numa indecisão quanto ao verdadeiro sentido correspondente ao objetivo do autor.

A ausência de limites, físicos, morais, de género, cria, assim, uma forma de desassossego literário, uma explosão de textos que fogem a uma classificação tradicional. Dentro dessa grande efusão criativa, aparece de forma dominante, especialmente na literatura brasileira, mas não só, a violência, a miséria moral e social, numa viagem através de um processo de desumanização, por vezes labiríntico, que nos permite pensar num Neo-Naturalismo construído de modo original na literatura hipercontemporânea.

O regresso do autor, sobretudo na chamada “autoficção”, e o seu narrador homodiegético, conferem uma maior consistência à narrativa ficcional, apesar da ambiguidade inerente ao género. Ela não impede, contudo, a “atração do abismo” que caracteriza muitos autores atuais, fruto da violência da sociedade em que estão inseridos, da desumanização que ela provoca, como foi dito precedentemente.

Persistindo na escrita do romance como para manter viva uma identidade que corre o risco de se perder nas malhas da Rede, o autor

hipercontemporâneo reflete as características da sociedade que é a sua, e à qual a sua escrita se adapta. A sua criação é um testemunho de uma evolução, tecnológica, económica e social, que o obriga a encontrar novas formas de dizer o indizível, de ordenar o caos, de adivinhar o homem do futuro que ele é já.

É nesse sentido que apresentamos este número da *Revista de Estudos Literários*. Cremos que será um marco importante na construção subsequente de análises teóricas sobre o que é o hipercontemporâneo nas literaturas de língua portuguesa, de modo a poder confrontá-lo com as correntes contemporâneas noutras línguas, especialmente as línguas espanhola, inglesa e francesa. Esta pesquisa está, em todo o caso, no centro das preocupações do Observatório da Literatura Hipercontemporânea em Língua Portuguesa, grupo de investigação que agrupa elementos das Universidades de Bordeaux-Montaigne, de Coimbra e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Com efeito, o nosso mundo globalizado, em que novas formas de nomadismo têm surgido, principalmente nestas últimas décadas, provoca um processo de homogeneização da criação à escala do mundo. A dimensão temporal tem sido profundamente afetada pelos efeitos das novas tecnologias, refletindo a aceleração do tempo tal como o vivemos e experimentamos. A literatura vai, naturalmente, apropriar-se destas novas vivências, e criar um espaço narrativo sobre estes dois eixos onde constrói a trama das ruturas e descontinuidades espaço-temporais. Através do olhar do leitor, a coerência de uma realidade, que é sobremaneira caótica e fragmentária, ascende ao estatuto de uma realidade outra, concentrada amiúde em formas breves, que marcam um corte formal com o “roman-fleuve” dos princípios do século XX.

A fragmentação do discurso, a pluralidade das vozes, a hibridez genérica, que dificulta as classificações, ou a utilização da metaficção,

constroem uma fronteira ténue entre o eco do real e o fruto do imaginário. Novas formas, como as que os anglo-saxões denominam “narrative non-fiction”, utilizam amiúde um lirismo surpreendente que contrasta com os aspetos violentos e sórdidos das sociedades que ocupam uma posição central em grande parte dos romances hipercontemporâneos.

A grande maioria dos romances escritos após o ano 2000 parece apontar, de facto, para a omnipresença da violência, urbana, mas não só, por vezes identitária e nacionalista (Glória Alinho), nesta produção em língua portuguesa. No seu artigo, Ana Paula Arnaut sublinha precisamente essa violência, por vezes patológica, servida por um certo número de procedimentos intertextuais e interartísticos (também assunto do texto de Reginaldo Pujol Filho) que permitem à autora do artigo falar de um novo subgénero, o “romance intermedial”. No domínio da patologia, podemos incluir certas personagens de Gonçalo M. Tavares, “frágeis, traumatizadas, obsessivas pela culpa e o tédio”, prisioneiras das suas “disforias e distopias” (Ana Isabel Martins). O espaço urbano brasileiro está no centro do artigo de Carlos Magalhães, como realidade fragmentária e polissémica, como estará também significativamente presente na literatura portuguesa atual, como prova Paulo Angelini no seu artigo. O “vazio existencial”, provocado pela vida numa megalópole, é analisado por Ana Maria de Mello na obra de Paloma Vidal.

Também a “complexificação/destruição da realidade”, segundo Vania Chaves, que estuda a obra *Teatro*, de Bernardo Carvalho, pode ser ligada a uma ambiguidade de tratamento dos espaços urbanos. Podemos igualmente falar de “expansão da ficção”, através da “transficcionalidade”, assim como “a transgressão recorrente da fronteira real/ficção”, tal como nos romances de Afonso Cruz (Sílvia Amorim).

Outra estratégia, que podemos considerar como sendo hipercontemporânea, é a que toma a página tipográfica por um campo de criatividade estética, nas suas “vertentes pictográfica, performativa, narrativa”, tal como o analisa no seu artigo Sofia Escourido. Outras formas de experimentação, como as que caracterizam os romances de José-Alberto Marques, são estudadas por Bruno Ministro. Uma nova perspectiva foi escolhida por Leonardo Medeiros, a da “transposição intermediática da personagem” na obra de Rubem Fonseca.

O tempo, “sob o signo de Chronos e Kairos”, é articulado nos romances de António Lobo Antunes segundo uma organização que escapa à linearidade, e de que Tatiana Prevedello dá uma nova leitura. Tempo e memória, dois elementos ligados igualmente na obra de José Luís Peixoto, entrelaçando-se para delinear os elos fundamentais, são analisados por Vânia Rego. A memória familiar pode estar assim na origem da escrita “autoficcional e metaficcional”, como no romance *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, matéria do artigo de Sandra Assunção.

Esperamos, pois, que este número se torne num instrumento de reflexão sobre esta literatura do nosso tempo, uma semente que contribua para o desenvolvimento de perspectivas teóricas que permitam estruturar a produção atual, um desafio para um *work in progress* sobre a criação literária hipercontemporânea, que a acompanhe, que a observe e lhe descubra as constantes operatórias.

*Ana Maria Binet*

*Ana Paula Arnaut*